

Métodos e Abordagens sobre o Desenvolvimento: Reflexões críticas

Editado por Deborah Eade e apresentado por Jo Rowlands

Ensaio Introdutório

Além da área confortável: algumas questões, perguntas e desafios ao pensar em abordagens e métodos sobre desenvolvimento.

Jo Rowlands

Tenho acreditado por muitos anos que os seres humanos são geralmente muito habilidosos, inteligentes e criativos. Quanto mais eu vi na minha vida de trabalho, que tem me dado oportunidades de experimentar a vida em muitas partes do globo e sob circunstâncias muito diferentes, mas tem se reforçado esta crença. A não ser que tenha havido uma forte interferência nas suas capacidades, seres humanos são capazes de avaliar e julgar circunstâncias complexas, atuando segundo suas conclusões - ainda quando a extensão de ações disponíveis para eles esteja limitada por desigualdade e outras circunstâncias. Qualquer linha de ação está no contexto da cultura e da trajetória de vida pessoal - por isso as pessoas nem sempre atuam da forma em que alguém com uma história diferente esperaria. Recentemente tive oportunidade de escutar um alto funcionário do Ministério das Finanças da Uganda falando sobre as escolhas feitas por pessoas pobres na Uganda ao derribar árvores. Ela dizia que o Ministério costumava pensar que os pobres não atuavam racionalmente (porque destruíam sua própria base de recursos), mas o quadro mais detalhado que os funcionários tiveram possibilidade de ver como resultado do processo Participativo de Avaliação da Pobreza mostrou que os pobres atuam tão racionalmente como é possível para eles em circunstâncias problemáticas onde é impossível olhar além da necessidade imediata de sobrevivência. Ela reconhecia que o problema era a falta de compreensão dos planejadores sobre o total da realidade e as severas opções com que os pobres se confrontam. Estou interessado em encontrar abordagens sobre desenvolvimento e métodos para trabalhar que nos permitam liberar essa habilidade, inteligência e criatividade humana em formas que tragam a realização dos direitos humanos e da justiça social mais perto da realidade.

Neste ensaio introdutório eu vou tocar em várias diferentes questões talvez pensando sobre visões e métodos não como 'ciência' mas sim como 'arte'. Quero desafiar a noção de que metodologia é de alguma maneira neutral; questionar algumas suposições existentes por trás das intervenções para o desenvolvimento; e investigar como o poder está encaixado em tudo que se faz. Também estou interessado no processo pelo qual prioridades são identificadas e por quem, e preocupado também com o enganoso desafio de aumentar a escala de pequenos progressos. Vou dar uma olhada particular em abordagens participativas e tocar na avaliação e aprendizagem. Quero lançar muitas perguntas ao espaço: este é um ensaio que está cheio de perguntas. Muitos dos ensaios neste volume ajudam a trazer essas perguntas de volta para o chão. Eu não vou tentar desenhar um quadro completo mas quero agregar um grau de complexidade que vai além do que a maioria dos relatos de abordagens ou métodos particulares permitem. Vou entrar tão longe nessa complexidade como o espaço permitir, mas não vou tentar produzir muitas resoluções claras: os leitores terão que providenciar elas por si mesmos, o tanto que forem capazes.

Não neutral, não isolado

'Abordagens' pode se referir a um amplo espectro de coisas. Elas podem dar poder, ser participativas, promover igualdade de gêneros, ser centradas na gente, ser inclusivistas. Ou podem ser o contrário: tirar poder, ser verticais, machistas, baseadas em fórmulas, exclusivistas. Ou, evidentemente, podem ter (e muitas vezes têm) uma combinação de todas essas qualidades, intencionalmente ou não. Toda abordagem tem atrás de si uma série de valores, crenças e atitudes que lhe dão seu sabor, seu tom. Este é um ponto fundamental que tem que ficar claro: abordagens sobre desenvolvimento não são neutras. Se uma abordagem tem planos de mudanças, elas são em uma direção particular, dirigidas a um câmbio nas relações de poder ou de locação de recursos. Se a abordagem basicamente procura manter o status

quo, em fazendo isso está apoiando a permanência de umas certas relações de poder e locações de recursos.

Abordagens providenciam um esboço de um marco dentro do qual métodos e técnicas específicas podem ser usadas. Métodos então, são os passos específicos de como uma abordagem é colocada na prática, na mina, na cozinha, no piso da fábrica, ou no campo. Problemas podem aparecer quando um método não é compatível com os valores, crenças, ou atitudes nas quais a abordagem utilizada está baseada. Numa abordagem verticalista, o uso de um método que anima os indivíduos a identificar o que eles querem que aconteça, mas num contexto em que seus desejos não vão ser realizados, pode levar à frustração, desilusão, e não cooperação. Da mesma forma, numa abordagem participativa, um método que privilegia a participação de algumas pessoas por cima de outras, por exemplo um para o qual seja necessário saber ler quando nem todo mundo sabe não obterá o nível de participação procurado.

Também podem aparecer problemas quando a abordagem utilizada e os métodos empregados são compatíveis, mas os indivíduos utilizando estes métodos não têm a habilidade suficiente ou a consciência suficiente para eles poderem ser verdadeiramente efetivos. Abordagens participativas e inclusivistas são particularmente vulneráveis a esta dificuldade. O intento pode estar lá, mas aqui os métodos não podem ser separados de quem está utilizando-os: em que lugar estão nas relações de poder do seu entorno, que consciência eles têm sobre isto, que habilidades têm como moderadores ou facilitadores da participação dos outros, que disposição eles têm para sair da sua própria 'área confortável' e assim por diante.

Dentro de qualquer abordagem dada, como escolhemos os métodos que vamos a usar? E que fatores influenciam em como os aplicamos? Estas escolhas nem sempre estão claras ou conscientes. Se somos realmente honestos sobre isto muitos de nós provavelmente escolhemos muitas vezes métodos porque nos são familiares e requerem habilidades sobre as quais nos sentimos confiantes; ou porque percebemos que os patrocinadores os exigem. (1) Desta forma não podemos separar o usuário da equação. Métodos podem ser rápidos de usar, ou baratos de usar. Podemos escolhê-los porque tem sido provados e testados: há um registro sobre eles que lhes dá credibilidade. Podemos escolhê-los porque não interferem muito com o status quo - ou justamente porque sim o fazem. Às vezes escolhemos certos métodos porque não tivemos outra ideia melhor. O ponto é, quão conscientes estamos sobre o que forma e informa nossas escolhas? E quão transparente é isto para os outros? Pessoas treinadas em abordagens qualitativas dentro das ciências sociais aprendem que a qualidade da pesquisa e seus resultados podem ser profundamente afetados pelo grau de consciência com que este tipo de assuntos são considerados. Realisticamente, a maioria dos 'praticantes' trabalham dentro de limites de tempo e recursos que afetam as escolhas que fazemos; também trabalhamos dentro de contextos políticos que dão forma as nossas escolhas.

Sobre a aplicação de métodos, existe o assunto (já mencionado) do nível de habilidade com que são utilizados. Existem outros assuntos também, incluindo flexibilidade e a habilidade para adaptar um certo método de acordo com as respostas e as circunstâncias. Tem também outros elementos potencialmente controversiais: com que grau de compromisso e/ou paixão está sendo o método aplicado? Aqui nos adentramos na relação entre o indivíduo ou os indivíduos engajados na atividade e a natureza do assunto ou o tipo de mudança que está sendo tratada. Eu não defendo a energia de paixão como um elemento necessário para a ação efetiva: depende muito do propósito e do contexto da atividade. Sem dúvida há algumas áreas de empreendimento onde a paixão não seria de ajuda ou seria contraproducente, ou poderia levar a falhas em julgamentos ou a erros. Não entanto, existem outros contextos, onde compromisso- como dedicação a longo prazo e paixão, como energia e direção- contribuem positivamente para conseguir mudanças, trazendo capacidade para afrontar obstáculos e ser persistente na frente de dificuldades.

Suposições

Abordagens sobre desenvolvimento, e os métodos que surgem delas, são marcadamente modeladas por suposições que se fazem sobre as pessoas. Abordagens inclusivas e participativas têm uma firme base

na suposição de que os seres humanos têm capacidades de valor e potencial, e que para muitos estes estão limitados por estar numa posição de impotência, vulnerabilidade, ou pobreza material. Abordagens de igualdade de gêneros estão baseadas em suposições de que homens e mulheres têm necessidades, capacidades potenciais, e contribuições igualmente validas. Buscam maneiras de mudar a desigualdade de poder que normalmente favorece os homens sobre as mulheres. Estas suposições podem significar que os conflitos de interesses têm que ser reconhecidos e atendidos. Suposições também são feitas sobre processos, por exemplo, como a mudança acontece ou como tem lugar a aprendizagem. Suposições são feitas sobre o que pode e o que não pode ser feito. Tudo isto da forma à natureza da abordagem e a escolha de métodos.

Da onde vem estas suposições? Algumas estão baseadas na experiência ou pesquisas sérias e evidências de outros lugares. Outras estão baseadas em crenças e valores - algumas das quais podem estar baseadas em estereótipos e em falta de informação. Existe grande quantidade de exemplos de isto ao longo dos anos. Uma suposição clássica é a da disponibilidade de tempo - geralmente o tempo das mulheres, mas também o de todas as pessoas pobres. Quantos projetos tem contado com esta suposição, só para descobrir que o trabalho das mulheres não está disponível no ponto em que é necessário: estão muito ocupadas fazendo seu próprio trabalho? Talvez algumas pessoas costumavam fazer a suposição de que as pessoas pobres eram pobres porque pasavam o dia sentadas fazendo nada; ou tão inexato: estão fazendo coisas com seu tempo que têm menos valor que a atividade do projeto. Eu gostaria de acreditar que estas suposições particulares não são mais feitas. Suposições sobre o que é ou o que não é possível estão às vezes baseadas num cuidadoso análise da situação (que pode ser vulnerável à omissão de um fator chave), e em conhecimentos e crenças sobre como aprendizagem e mudanças acontecem. Isto pode levar a avaliações inexatas do que pode ser conseguido. Meu exemplo preferido de isto vem de um grupo de mulheres que eu visitei no curso de uma pesquisa no Estado de Puebla no México. Conheci as mulheres uns três anos depois do final de um projeto para a criação de porcos. A idéia dos porcos tinha sido um desastre: tudo o que poderia ter falhado aparentemente falhou. O projeto tinha sido fechado e considerado um fracasso. Mas quando eu encontrei as mulheres, estavam cheias de energia, ideias, e entusiasmo, tinham se embarcado num projeto diferente e próprio e conseguido seus próprios fundos e começado a gerar ingresos dele. Conversando sobre o total da experiência, parecia que tinham aprendido todo tipo de coisas do 'projeto falido' que agora lhes serviam para ir bem. Apesar do 'fracasso', estas mulheres tinham adquirido confiança, e sobre tudo um sentido delas mesmas como capacitadas para atuar de maneira a satisfazer suas próprias necessidades. Com o passo do tempo, ficou claro que o projeto original tinha sido um grande sucesso - só não para criar porcos!.

Uma das colunas na matriz da Estrutura Lógica (matrix of the Logical Framework) leva por título 'suposições'. A ferramenta como um todo tem atraído muitas críticas ao longo dos anos, mas isto me parece ser uma das suas forças: ter uma ferramenta que sistematicamente anima voçe a ser consciente das suposições feitas durante um processo de planejamento me parece uma excelente idéia. (2) No entanto, a existência de uma coluna de suposições, não pode ser um substituto para a consciência e o entendimento das suposições que é necessário para poder preencher a coluna. Isto requer uma abertura na mente que a ferramenta por si mesma não pode providenciar. Também requer uma vontade de rever as suposições quando se provam inexatas, e na parte das instituições, uma vontade não só de permitir as revisões mas de saudá-las como evidência de aprendizagem e experiência.

Poder

Não posso ir muito mais adiante na investigação dos assuntos das abordagens e métodos de desenvolvimento sem parar para investigar o assunto crítico do poder. O poder está encaixado em todas as abordagens sobre desenvolvimento. A pergunta é, que tipos de poder compreendem, quem é poderoso e quem não é, e a quem esse poder ajuda ou atravança? É bem reconhecido que impotência é um elemento central na pobreza; qualquer estudo sobre pobreza, desigualdade, injustiça, ou exclusão envolve poder e relações de poder. Mas apesar deste reconhecimento, o poder é insidioso e muitas vezes permanece invisível (ou 'debaixo da mesa', tomando emprestada uma imagen de VeneKlasen com Miller (2002)). Abordagens que prestam atenção especificamente às relações de poder, e reconhecem e tratam as dinâmicas do poder nas quais operam, têm maiores possibilidades de contribuir

à mudança. Mas consideração do poder também precisa ser parte das soluções que são procuradas e dos métodos pelos quais isto é feito. Aqui não estamos falando somente sobre 'o poder'. Aqui são necessárias abordagens e métodos que reforcem outras formas de poder que contribuam para soluções duradouras - o poder das pessoas atuando coletivamente para fazer a mudança acontecer, e o poder das pessoas conhecendo e demandando seus direitos de formas que não possam ser ignoradas. (3) Abordagens e métodos participativos e inclusivos podem ser um canal para mudanças positivas nas relações de poder - mas ainda com essas abordagens, não há nada automático sobre isto. Voltarei mais adiante sobre isto. O importante é que o poder precisa ser reconhecido e atendido.

Uma forma em que algumas abordagens encaram o poder é se concentrando em áreas particulares em que ele se amostra. Isto tem se visto em relação ao gênero, com muitas instâncias de gênero e de relações de gênero sendo intencionalmente colocadas em primeiro plano e introduzidas nos métodos de tal forma que as questões de poder não podem ser ignoradas. Tem também havido muitas instâncias aonde as questões de gênero têm estado presentes na retórica, mas na prática, quando os métodos são aplicados, têm sido possível ignorar as questões deliberadamente ou inconscientemente (Longwe 1997). Por conseguinte, é importante ser ponderado ao fazer a articulação entre a abordagem teórica e a implementação dessa abordagem na 'vida real' e não ser ingênuo sobre a tendência das relações de poder existentes a distorcer e desviar a abordagem melhor intencionada.

Quem estabelece a agenda e as prioridades?

O poder vem a tona novamente quando consideramos da onde vêm as agendas para a mudança. Quem identifica e em última instância decide o que é necessário num dado contexto ou que necessidades devem ser priorizadas sobre outras?.As agendas políticas locais, nacionais e internacionais mudam e se alteram o tempo todo, e um amplo espectro de atores constantemente as interpretam e atuam sobre elas. Por isso muito do que realmente acontece é formado e influenciado por tempos e considerações políticas: quando é a eleição? Quem necessita ter a possibilidade de demonstrar que tem conseguido certos resultados? O futuro político de quem está em risco? Em cada nível as verbas se deslocam de acordo com isto. Abordagens sobre desenvolvimento precisam trabalhar dentro deste contexto de movimento de poder, e desenvolver estratégias para funcionar dentro dele. A análise e entendimento são importantes, já que afeta a sensação das pessoas sobre o que é 'possível' e por conseguinte 'vale a pena tentar'. Às vezes, devido aos valores e crenças subjacentes numa abordagem, a resposta tem que ser ' parece impossível, mas vamos tentar fazer mesmo assim'. Isto pode ser muito efetivo! Jubileu 2000 (Jubilee 2000) certamente encontrou muitas críticas por ter metas pouco realistas que eram muito complexas para o público em geral compreender quando começou sua campanha 'perdoar a dívida' para os países mais pobres endividados. Mas teve sucesso ao mobilizar considerável opinião pública em apoio a uma agenda econômica de complexidade técnica considerável. Embora não realizou tudo o que tinha se proposto, Jubileu 2000 teve um impacto significativo e perdurável, educando milhares de 'pessoas comuns' sobre assuntos globais significativos no processo.

O campo político formal é somente uma parte do quadro. Abordagens precisam também trabalhar junto, a través e ao redor de forças políticas informais. Isto inclui relações dentro dos lares e dinâmicas de poder dentro de comunidades. Particularmente, o fato de que conflito costuma ser um assunto subjacente é algo que provoca um impacto sobre a eficiência do trabalho de desenvolvimento. Muitas abordagens tentam trabalhar em torno a isto; mas quantas são o suficientemente robustas para permitir ou encorajar esse conflito a se manifestar e ser tratado? Quantos praticantes do desenvolvimento são o suficientemente treinados em manejo e mediação de conflitos?.

As pessoas que determinam prioridades para a mudança muitas vezes têm boas intenções, mas não sempre têm suficiente informação ou a habilidade para interpreta-la corretamente. Não entanto, é possível cumprir um papel de assistência e até catalítico sem basear o seu apoio num resultado particular específico. Isto prioriza o processo sobre o resultado, de tal forma que uma abordagem específica (como uma de dar poder ou inclusivista) pode modelar o trabalho sem impor agendas

particulares de uma maneira predeterminada. Isto é mais um desafio para organizações trabalhando dentro de sistemas inflexíveis centrados num objetivo - mas eu espero que seja um desafio que possamos propôr, em vez de uma excusa para continuar no mesmo caminho que antes.

Quem implementa a agenda?

Muito trabalho de desenvolvimento tropeça quando as pessoas encarregadas de implementar a mudança não têm 'posse' da missão que têm ao seu cargo. Então muitas vezes, abordagens e políticas que têm sido cuidadosamente planejadas não levam às mudanças pretendidas, porque pessoas-chaves não tinham o compromisso ou a habilidade ou o conhecimento ou o desejo de ver essa mudança acontecendo. Podem ter o desejo mas não o tempo, porque, (como é comum em contextos de desenvolvimento, sejam ONGs ou de governos) estão trabalhando em um contrato de curto prazo ou estão sujeitos a relocação. Pode ser pessoal de campo que esteja completamente ocupado mas de alguma maneira se espera que eles encontrem o espaço para uma nova iniciativa. Podem ser ativistas que querem ver a mudança acontecer mas não têm as habilidades particulares necessárias. Ou podem ser planejadores de governos locais que tenham recebido desde cima uma série de políticas que deveriam implementar, mas não sabem o suficiente sobre as condições no terreno para interpretar as políticas em planos realistas. Qualquer abordagem se beneficiaria ao ver que estes indivíduos (ou grupos) são sócios de risco no empreendimento, tanto como os supostos 'beneficiários'. Esta é uma perspectiva que poderia ajudar a destravar alguns dos bloqueios que aparecem no caminho de muitas iniciativas de desenvolvimento potencialmente positivas - como tem sido proposto recentemente em relação às principais correntes de gênero (Howard 2002). Se você tirar as pessoas de dentro de uma caixa chamada 'resistência' e em câmbio os considera tomadores de risco no processo das correntes principais de gênero, se torna possível pensar deliberadamente sobre suas necessidades como tomadores de risco e pensar uma estratégia que atenda essas necessidades.

Isto não se aplica exclusivamente às principais correntes de gênero. Durante a minha visita recente a Uganda, já mencionada, para aprender sobre a Avaliação de Pobreza Participativa (PPA no original), processos que têm informado sobre seu Documento Estratégico de Redução da Pobreza (PRSP no original) eu e um grupo de companheiros do Programa de Pobreza da Oxfam do Reino Unido tivemos a oportunidade de conhecer um planejador de distrito que tinha sido parte de um grupo treinado em métodos participativos e tinha moderado as atividades da PPA neste distrito. As descobertas da PPA tinham alimentado o processo no nível nacional, mas ficou claro também que seus próprios planos ao nível local tinham recebido influência significativa das descobertas locais, e que seu próprio trabalho como planejador de distrito tinha sido profundamente afetado pelo processo de pesquisa participativa. Claramente este indivíduo tinha se tornado um defensor da abordagem sobre desenvolvimento representado pelo processo da PPA. Ele podia ver como lhe ajudava a fazer seu próprio trabalho mais efetivamente.

Existem desafios a serem alcançados quando a implementação de projetos, atividades ou iniciativas particulares se torna uma ocupação a tempo completo. Se formam organizações e indivíduos começam a receber dinheiro para fazer o trabalho que às vezes já estavam fazendo até agora numa base voluntária. Ou alguém começa a receber dinheiro para fazer o trabalho que até então outra pessoa fazia como voluntário. No processo da implementação da abordagem para a mudança, relações sociais e as vezes relações culturais são mudadas. Os indivíduos podem então se tornar dependentes da continuidade da existência da atividade ou da organização. (4) Certos tipos de trabalho se tornam ' profissionais' ou 'técnicos'. Uma vez que os meios de vida de indivíduos estão em jogo, é fácil que o trabalho comece a se direcionar ao que atrairá fundos, mais do que ao que mais precisa ser feito. Pode acontecer que as organizações percam sua conexão com as bases, e como resultado percam legitimidade (Whitehead 1995). Isto eventualmente pode debilitar a efetividade da abordagem.

Como os implementadores obtêm o apoio necessário para o que fazem? Como podem habilidades e capacidades ser desenvolvidas quando são as menos tangíveis, as mais efêmeras habilidades e capacidades de moderação, pensamento estratégico, desenvolvimento organizacional, ou assessoramento? Ou quando a natureza da mudança que se está procurando requer mudanças pessoais por parte do implementador? Este é o caso com gênero, onde todos os indivíduos estão encaixados nas

relações de poder existentes, saibam disto ou não, e o alcance das suas consciências e as suas habilidades para enfrentar a necessidade de mudanças nas suas próprias atitudes e comportamentos pode fazer toda a diferença nas suas habilidades para apoiar o processo de mudança. Os indivíduos podem participar em cursos de treinamento, mas o real desenvolvimento de habilidade costuma chegar ao se fazer a coisa, e depois investigando o que aconteceu e deliberadamente aprendendo da experiência. É preciso investir nos corpos de trabalhadores. Em contextos administrativos, a idéia de ter um mentor, ou diretor, é amplamente aceita hoje em dia em algumas áreas. A idéia de acompanhamento (5) como um papel que pode ser útil tem se tornado bastante comum em alguns círculos de desenvolvimento. Isto acontece quando uma organização tem uma relação regular sobre um período de tempo com alguém que possa providenciar crítica informada, idéias, encorajamento e apoio para a construção de uma capacidade consistente, desde uma posição de conhecimento do e apoio ao trabalho da organização. Será isto uma abordagem em si mesma? Pode ser. Certamente não é só um método ou técnica para fazer uma coisa. Certamente é um tipo de relação, e desafia as relações de poder mais convencionais que caracterizam as interações entre vários corpos patrocinadores e as organizações que financiam.

‘Aumentando a Escala’ e ‘Adquirindo Habilidade’

Houve considerável debate poucos anos atrás sobre como ‘aumentar a escala’ da efetividade das intervenções para o desenvolvimento. Lembro que me sentia nervoso sobre isto naquele tempo. Por um lado, ninguém ia querer discutir sobre a necessidade de que a mudança acontecesse numa escala muito maior, para que as condições de vida de milhões de pessoas e comunidades pobres no mundo inteiro possam melhorar. Mas havia alguma coisa no conceito de ‘aumentar a escala’ que era parecido demais com o empreendimento de programas massivos, impondo eles desde cima, ou copiando uma coisa que tinha funcionado em um lugar para muitos outros lugares, fosse ou não efetivo em outros lugares.

Agora me parece que há dois tipos de ‘aumento da escala’: uma é a adoção por governos de políticas e práticas a favor dos pobres, com os sistemas necessários para acompanhar isto, onde as implementações podem ser a nível local e adaptadas à realidades locais. Isto pode funcionar tanto como os recursos e a política permitam, e claramente existem sérias limitações para ambos fatores em muitos lugares. Há muito o que dizer ao se tomar esta abordagem. Somente o Estado, na maioria dos contextos, tem o alcance e os recursos potenciais para introduzir mudanças de grande escala. No entanto, existem perigos de fracasso inerentes nesta abordagem. O perigo político de fracasso é um deles. O perigo da cobiça e corrupção desviando recursos é outro. Isto é um risco sempre que recursos ‘livres’ são movimentados de um lugar a outro; podem ser encontrados em governos, ONGs, agências internacionais, e em negócios privados, norte ou sul - em qualquer lugar onde dinheiro possa ser usado para comprar apoio ou influência, impôr políticas, criar ou silenciar oposição. Então se ‘aumentar a escala’ implica qualquer transferência significativa de recursos, especialmente onde há ineficiências organizacionais e controles e contabilidade inadecuadas a corrupção representa um risco à sua efetividade.

Existe outro perigo prático ao ‘aumentar a escala’ que se torna imediatamente aparente quando você tenta adotar alguma coisa em grande escala: repentinamente você necessita as habilidades que estavam sendo usadas na atividade em pequena escala, mas você precisa delas rápida e amplamente, muitas vezes as habilidades em questão precisam tempo para serem desenvolvidas; estarão disponíveis somente em pequenas quantidades, ou serem caras de se comprar. Todo teu empreendimento de ‘aumentar a escala’ vai então depender de se você pode se arranjar com poucas habilidades para implementá-lo, ou quão rápida e efetivamente você pode treinar novas pessoas - e muitas vezes você descobre que o que parecia uma abordagem promissora é considerada um fracasso, quando não era a abordagem o problema, mas a falta de suficientes pessoas com as habilidades, o conhecimento, os recursos adequados para implementá-la efetivamente. Fica claro então porque ‘ferramentas’ e ‘métodos’ que são simples e podem ser aplicados com muito pouco treinamento são tão procurados. E por que esforços para levar trabalho efetivo ‘a escala’ tantas vezes afundam.

A outra abordagem sobre 'aumentar a escala' tem, até um certo ponto, gerado seu próprio ímpeto embora ainda há lugar para muito mais. Este é o 'aumento de escala' que pode acontecer quando se comparte o conhecimento e a informação sobre o que tem sido testado, com quanto sucesso, e para isso ser testado em todo lugar por pessoas motivadas a implementar mudanças. Um exemplo de isto tem sido a rápida e espontânea expansão de idéias sobre o potencial nos esquemas de microfinanciamento. Isto envolve uma idéia muito boa, a de providenciar pequenos empréstimos para mulheres, que foi implementado em algumas instâncias, com um perfil muito alto internacionalmente dentro da 'comunidade' do desenvolvimento. Existem muitos casos importantes de adaptação efetiva da idéia a circunstâncias locais em diferentes lugares no mundo todo. Em alguns casos a abordagem foi copiada em formas pouco críticas que simplificaram demais e perderam os tons da interpretação local - e por ser difícil admitir o fracasso com uma abordagem que tem sido tão claramente bem sucedida em outras instâncias, tomou um certo tempo para que aparecesse uma atitude mais crítica para que a boa idéia aparecesse. Suspeito que a idéia de microfinanciamento é mais efetiva quando se presta suficiente atenção não só ao processo de adaptação da idéia, mas também à necessidade de aprendizado e 'adquisição de habilidades', que, se atendida, ajuda a garantir o uso efetivo de qualquer método que seja introduzido. Esta classe de 'aumento da escala' funciona porque as pessoas estão motivadas para alcançar as mudanças ou procuram ativamente idéias e inspiração que lhes ajude a descobrir o que poderá funcionar nas suas próprias circunstâncias. É mais efetivo quando uma boa idéia ou abordagem ou método não é simplesmente replicada, mais é testada e adaptada para se encaixar nas circunstâncias específicas.

Outro exemplo de uma abordagem sendo colocada em escala pelo exemplo e pelo ímpeto de uma boa idéia é aquela do Orçamento Participativo. Desde seus começos em Porto Alegre no Brasil, esta abordagem para o envolvimento ativo dos cidadãos na toma de decisões financeiras e no estabelecimento de prioridades tem se espalhado com variado sucesso a mais de setenta vilas e cidades no Brasil e está hoje se espalhando além. Está sendo atualmente experimentado, em formas bastante diferentes, em Manchester e Salford no nordeste da Inglaterra. (6) Outros lugares usam as ferramentas da matriz de orçamento e reuniões comunitárias do seu próprio jeito, com variados ciclos anuais de consulta e uma variedade de formas de engajamento com processos e estruturas democráticas mais convencionais. No Reino Unido embora é muito cedo enquanto eu escrevo para avaliar o sucesso do 'encaixe' da abordagem com o contexto cultural e o sistema existente de democracia representativa existe grande interesse de muitas autoridades locais. Se se prova que esta abordagem funciona e se adapta ao contexto do Reino Unido, a idéia vai precisar bem pouca promoção ativa para ser adotada e testada por outros. Como com o exemplo do microfinanciamento explicado antes, este tipo de 'aumento de escala' corre o risco de fracassar por falhas na aplicação e no entendimento, e pelo fato da idéia se espalhar mais rápido que o entendimento detalhado das características da idéia e da sua aplicação que a fazem funcionar. Talvez toda idéia aparentemente boa precisa um letreiro fixado que diga 'aviso : efetiva somente se aplicada com habilidade e utilizada numa forma que se adapte a circunstâncias locais'.

Precisa a roda ser re-inventada?

Uma reprodução exata de uma coisa que funcionou em um lugar pode funcionar em um lugar diferente se as circunstâncias são suficientemente similares, ou o assunto sendo tratado é suficientemente técnico na sua natureza. Eu certamente estaria de acordo em começar de um rabisco em cada ocasião como se esta fosse a primeira vez. Mas onde seres humanos e sociedades e culturas humanas são o contexto, há muito espaço para diferenças não reconhecidas ou 'invisíveis' que significam que as coisas não são tão similares como podem parecer no começo. Acesso as idéias, conhecimento, pensamento, e experiência dos outros é um recurso crucial para nos poupar de estar desnecessariamente reinventando; os estudos de casos são mais úteis se tentam apurar os elementos essenciais que seriam necessários para replicas além do contexto e cultura particulares. Se queremos ter sucesso, precisamos também a capacidade, e a vontade, de pensar novamente em cada conjunto de circunstâncias. Então podemos descobrir quais elementos da experiência de outras pessoas aproveitar, ou ao menos tentar copiar ou adaptar, e quais elementos não deveríamos usar.

Em ocasiões, um processo positivo será reinventar algo que outros tenham tentado. Isto é particularmente certo se é o *processo de descoberta* que nos dá as habilidades para aplicar o que seja que estemos tratando. Os erros jogam um papel importante aqui. Se podemos usa-los, os erros podem ser a mais rica fonte para aprender o que funciona e por que. No contexto em que eu trabalho no Reino Unido, existe atualmente uma forte ênfase do governo na idéia de ‘*melhor prática*’, colocandose grande importância na identificação da disseminação da ‘*melhor prática*’ em muitas áreas. Isto de alguma maneira ajuda na disseminação de idéias possivelmente produtivas para outros usarem, adaptarem, construírem sobre elas, mas o conceito de ‘*melhor prática*’ implica que há uma abordagem ou método que é ‘*melhor*’ numa forma universal - uma receita que pode e deve ser seguida. Isto é seriamente problemático; pode afetar a flexibilidade que é necessária para lograr coisas específicas com pessoas particulares em lugares particulares. No extremo oposto, no entanto, estaria uma atitude que acredita que cada situação é tão única que há muito pouco para aprender dos outros. Isto levaria a muito esforço innecessário para trabalhar tudo desde o começo o que na maioria das circunstâncias não seria o uso mais efetivo de recursos limitados. ‘*Boa prática*’ é um conceito mais útil, que permite que a experiência dos outros nos providencie com uma série de possibilidades que podem ser testadas perante as necessidades do contexto e circunstâncias particulares. ‘*Boa prática*’ ainda implica uma série particular de valores e prioridades - de que outra maneira você sabe que é boa? - que pode ou não encaixar em outras circunstâncias, mais considera a possibilidade de mais de uma forma de fazer uma coisa.

Abordagens participativas e inclusivistas

Um exemplo da segunda abordagem de ‘*aumentar a escala*’ narrada anteriormente tem sido o modo em que abordagens participativas têm se disseminado nos últimos vinte anos. De ser uma forma de trabalho diferente, radical e idiossincrática, participação tem aos poucos tomado o caminho da corrente principal, ao ponto que hoje o uso de abordagens e métodos participativos é esperado e encorajado em muitas situações. Idéias interessantes e um tipo de metodologia diferente eram atrativos parecendo manter a esperança de ação mais inovadora e um maior encontro entre as necessidades experimentadas localmente e os recursos e

‘*soluções*’ tentadas. Uma das características das abordagens participativas que atraíram as pessoas trabalhando em comunidades e nas ‘*bases*’ era seu potencial de atender algumas das dinâmicas de poder que vinham sabotando intentos de conseguir mudanças através de abordagens mais convencionais. ‘*Participação*’ propunha a possibilidade de engajar ativamente grupos e pessoas excluídas e impotentes, como as mulheres, tribais, jovens, velhos, incapacitados, outras minorias, para o centro dos processos de desenvolvimento. Era possível escolher métodos para facilitar a participação ativa, e para incluir as vozes e prioridades de pessoas que seriam ignoradas de outra forma. Estas abordagens estavam e continuam a estar cheias de potencial. Existem hoje muitas, muitas instâncias destas abordagens e métodos levando a programas e prioridades que são muito diferentes do que seriam de outra forma. Não surpreende que estas idéias se espalharam ao redor do globo.

No entanto, fica claro também que participação não é uma panaceia. Como com qualquer outra abordagem, é preciso ter resultados positivos. Métodos participativos são vulneráveis a serem aplicados mecanicamente e sem os níveis de atenção, consciência, e habilidades requeridas por parte dos moderadores. Ou podem ser aplicados sem o suficiente conhecimento local para que as dinâmicas de poder sejam visíveis, deixando os habitantes locais vulneráveis a suposições

inexatas (Monpati 2000). Nestes casos, podem ser usados para pôr um ‘*brilho*’ de democracia participativa em cima de processos que continuam a reproduzir as relações de poder existentes. Então o simples fato de utilizar métodos participativos não é suficiente para garantir que *abordagens* participativas estão sendo aplicadas com sucesso. Naturalmente, o mero uso da linguagem de participação também não é suficiente; para muitas agências, ‘*a participação dos beneficiários*’ significa que se unam aos seus projetos predeterminados, ou serem consultados, o que pode acontecer só para que o

‘*espaço*’ chamado participação possa ser assinalado, mais do que serem habilitados a se engajar em processos sociais desde uma posição de maior força (White 1996). Métodos participativos podem também ser usados como um exercício, colocando uma aparência participativa na extração de informação, que não faz nada ao respeito das relações de poder e pode fazer aparecer problemas que são deixados sem resolver (Jackson 1997).

Métodos participativos podem se transformar em estruturas por eles mesmos : por exemplo, a matriz de orçamento participativo já mencionada foi desenvolvida para facilitar o processo complexo da participação do cidadão num processo normalmente não participativo. Este é um raro exemplo de um tipo formalizado de toma de decisão participativo, que é significativo pela falta de variedade em geral nas estruturas de toma de decisões no pensamento internacional sobre desenvolvimento, muito do qual assume 'vilas' ou 'comunidades' monoculturais como a unidade básica. (7) Um processo institucionalizado pode ser muito benéfico para superar a resistência de preconceitos individuais. No entanto, uma vez que o processo é institucionalizado, existe o perigo da rigidez, que pode começar a trabalhar contra a ética participativa. Tem havido também muitas instâncias onde métodos supostamente participativos tem sido usados para reunir um espectro de informação e opiniões ou idéias que são depois utilizadas para legitimizar um programa mais convencional. Nestes casos, os métodos se tornaram separados das abordagens que os originaram, que costuma significar que os aspectos de análise crítica e reflexão têm sido diluídos ou afastados. Isto cria uma dissonância que é sentida principalmente pelas pessoas a quem se pediu a sua opinião e participação, podendo provocar uma falta de cooperação da próxima vez que estes métodos sejam experimentados com eles. Para que as abordagens participativas sejam sustentáveis, as pessoas precisam ver resultados, ou pelo menos ver que resultados chegarão, já que estas abordagens requerem um investimento de tempo e esforço que poderia facilmente ser colocado em outra direção se não aparece nenhuma mudança positiva.

Para 'aumentar a escala' de abordagens participativas com sucesso, tem que existir alguma maneira de criar, ou ter acesso a um número suficiente de pessoas adequadamente treinadas ou experientes para aplicar os métodos efetivamente. Sem conseguir isto, o sucesso será limitado e o intento de incluir pessoas que não são normalmente alcançadas se tornará uma frustração. Se não é bem feita, as pessoas vão dizer que a abordagem não funciona.

Um desafio para as 'comunidades' de abordagens participativas é o de 'controle de qualidade' e critérios. Muitos indivíduos e organizações têm investido tempo, criatividade, e recursos treinando e comunicando sobre o que cria participação efetiva. No entanto, ainda há muitas forças puxando pela 'solução rápida' e tentando utilizar abordagens e métodos participativos sem investir na aprendizagem e na experiência requerida para fazê-los efetivos. Isto é em parte um assunto de escala de tempo e padrões de financiamento. Se você está apontando a profundas mudanças nas relações sociais e de poder, um projeto com financiamento para três anos não vai ser suficiente porém muito poucos patrocinadores desejam contemplar horizontes de financiamento por quinze ou vinte anos que podem ser necessários para as mudanças significativas e sustentáveis para os que as abordagens participativas têm potencial de contribuir. Para a pequena organização dependente do financiamento de projetos, a impossibilidade de ver a longo prazo e planejar de acordo é debilitante. Sei da minha própria experiência como um trabalhador de desenvolvimento numa pequena ONG que sobra muito pouco tempo para continuar com o trabalho, depois de cumprir a coleta de fundos necessários e o consequente reporte de obrigações. Esta não é uma crítica nova, e alguns patrocinadores estão tentando pensar diferente. Devem existir maneiras de aplicar as idéias e atitudes das abordagens participativas às relações entre as organizações que as implementam e os patrocinadores que satisfagam as necessidades de contabilidade e probidade associadas com uma relação de financiamento, mas que não sufocem a criatividade e a energia necessária para o trabalho efetivo nas bases. Poder e controle é um assunto nas relações de financiamento, tanto como entre o trabalhador de desenvolvimento e a comunidade.

Outro desafio para as abordagens participativas é provavelmente ingenuidade. As questões de poder são reais; abordagens participativas não farão possível escorregar em volta delas, mas aumentarão as possibilidades de que se tornem visíveis e tenham que ser atendidas. Os resultados da participação são difíceis de prever, o que é preocupante (senão diretamente uma ameaça) para qualquer político ou outros que tenham um investimento pessoal no *status quo*. É certamente o caso que pessoas com poder têm a perder se certos mais justos são implementados. Para que as mudanças aconteçam, estas questões têm que ser confrontadas e resolvidas. Vamos ser claros sobre isto: abordagens participativas, para ser inclusivas e transformatórias, não são uma opção fácil - mas são profundamente inspiradoras e satisfatórias quando funcionam bem.

Rigoroso pragmatismo?

Para muitas pessoas e organizações trabalhando em desenvolvimento, existe uma constante tensão entre querer fazer o melhor trabalho possível e a necessidade de que as coisas sejam feitas, de obter resultados, de lograr os objetivos e as metas. Métodos participativos podem ajudar a conseguir fazer as coisas mais rápido, por exemplo identificando as facetas de uma questão complicada num contexto de reunião ou oficina de trabalho - embora eu não tenha encontrado nenhum intento de sistematizar as coisas para o que isto se aplica. A percepção geral, em tanto inexata, é que enlentece as coisas, e portanto são um luxo. Quantos de nós temos nos comprometido na frente de pressões relacionadas com o tempo ou apertos financeiros - fosse ou não esse compromisso justificado? Às vezes sabemos como uma coisa deveria ser feita, mas como podemos realmente fazê-la dentro dos apertos que encaramos é um assunto diferente. A idéia de fazer alguma coisa 'suficientemente bem' foi muito útil para mim, embora possa ser útil somente dentro do marco de um acordo dos mínimos níveis e num nível de clareza de propósito e valores. Também precisa de uma avaliação exata do que pode ser conseguido através de diferentes métodos, de acordo com a disponibilidade de tempo e outros recursos. Do contrário, como você julga o que é 'suficientemente bom'? Sem esse marco, e os propósitos e valores implicados, como você distingue entre ser simbólico por exemplo, e fazer um trabalho rápido que é suficiente para a necessidade imediata? Existem muitas ocasiões onde a escolha é entre ser detalhista e idealista, e ser pragmático e conseguir fazer alguma coisa. Como você distingue quando o anterior é necessário e quando o último é suficiente? O pragmatismo muitas vezes vence em organizações que apontam a objetivos. Eu me sentiria mais confortável com isto se houvesse alguma forma de garantir que pragmatismo e 'rigoroso pragmatismo', baseado numa boa análise e transparência, mais do que em pressa - embora isto não evitaria as importantes perguntas sobre quem toma as decisões, quem é responsável e perante a quem pelas consequências, e assim sobre que base e no interesse de quem está o rigoroso pragmatismo sendo invocado.

Como sabemos? Monitoramento, consideração e avaliação do impacto

Para saber se uma abordagem ou método qualquer é efetivo, alguma forma de avaliação é necessária. Mas mesmo a avaliação precisa de abordagens e métodos para poder ser realizada. Quando umas podem ser consistentes com as outras, muito melhor. A reavaliação tem sido dirigida, em grande parte, pela necessidade de demonstrar se uma abordagem ou método particular são válidos e efetivos, para justificar réplicas e também para justificar gastos e providenciar contabilidade. Abordagens 'verticalistas' têm tendido a ser avaliadas por abordagens que tentam 'provar' que a intervenção logrou os resultados. Afortunadamente, esta abordagem bastante rígida tem sido desafiada, e existe uma crescente compreensão no consenso regente de que 'prova', especialmente em desenvolvimento social, é uma meta inapropriada para avaliação. Em vez disso, avaliação pode testar a lógica da situação, e se é provável que a intervenção ou atividade tenha contribuído para alguma mudança, e se isto era uma contribuição positiva (Roche 1999). Com abordagens participativas e inclusivistas, a avaliação que possa investigar 'subjetividades múltiplas', em vez de apontar a 'objetividade', é muito mais conducente à aprendizagem, que cada vez mais se transforma no principal propósito da avaliação. Se a mudança é positiva, então a 'posse' da capacidade para atribuir causalidade se torna menos crítica, e é mais útil usar processos de avaliação para contribuir à 'reflexão profunda' (8) que ajudará aos aspectos positivos dos processos de mudança a ser internalizados e encaixados na prática diária, e ajudará a aumentar as possibilidades de replicação e adaptação efetiva.

Avaliação tem se apoiado fortemente na existência de metas ou fins e objetivos claramente estabelecidos no começo do programa ou projeto. Muitos reportes avaliatórios têm sido escritos lamentando a ausência de clareza de metas e objetivos, e alguns avaliadores têm concluído em que nenhum julgamento pode ser alcançado nessas circunstâncias. Com abordagens participativas, uma atitude de alguma maneira diferente perante os objetivos é requerida, já que pelo menos alguns dos resultados e consequências concretas serão determinados pelas pessoas que participam enquanto que o empreendimento avança. Na medida em que o programa avança, os objetivos podem mudar e evoluir. Os objetivos podem precisar ser mais orientados ao processo, o que precisará de indicadores preocupados com a *natureza* da mudança mais do que com a mudança específica. Assim, por exemplo, com o 'projeto de criação de porcos' mexicano mencionado anteriormente, o objetivo, em vez de ser o

estabelecimento de um negócio viável de criação de porcos gerenciado pelo grupo de mulheres, poderia ser a geração de ingressos bem sucedida e independente pelas mulheres do grupo, juntas ou individualmente. Se isto se lograsse criando animais ou operando um serviço de transporte local (como outro grupo de mulheres no México tinha feito com sucesso) seria secundário. O monitoramento tem sido em muitos aspectos o lado pobre do par 'M & A' (monitoramento e avaliação, M& E no original). No entanto, se o monitoramento pode incorporar elementos avaliatórios através de um processo contínuo, a aprendizagem pode ser imediata permitindo adaptação e refinamento ao se transformar num aspecto fluido do programa de atividades. O teste final de qualquer abordagem ou qualquer grupo de métodos se encontra, em que diferença eles têm feito. Avaliação do impacto precisa ver não só que mudanças tenham acontecido, quem sai melhor e quem sai pior, mas ver a relação entre a abordagem e os métodos utilizados e as mudanças que tenham se conseguido. Tal vez a mudança tenha acontecido apesar da metodologia, mais do que por causa dela!

Conclusão

Nenhum método, mesmo que seja bom, pode eliminar a necessidade de pensamento bom, contextual, analítico, e com propósito. Os melhores métodos, não nos habilitam automaticamente a atender os desequilíbrios de poder ou a nos mover em direção às mudanças e à justiça social. Métodos precisam ser aplicados no contexto de uma abordagem clara, baseada em valores e propósito, para não se tornar rígidos e reforçar as relações existentes. Mas mesmo quando claramente situados dentro de uma abordagem bem pensada, métodos e ferramentas podem falhar ou ser contraproducentes se são utilizados sem habilidade, ou implementados por pessoas com propósitos e intento diferentes.

Existem desafios aqui para praticantes, ativistas e investigadores. É necessário um balance entre auto-análise e auto-consciência (que pode se tornar 'olhar no umbigo') e atuação com propósito. Muitas vezes pode ser melhor fazer algo errado e aprender que funcionaria melhor, do que passar tempo demais na agonia de buscar a abordagem e os métodos exatamente corretos. Conseguirá a abordagem escolhida e os métodos utilizados fazer uma diferença sobre o que aconteça? É provável que contribuam a mudanças transformatórias e positivas? Para isto, tanto a abordagem como os métodos precisam ser complementados com táticas e estratégias no seu uso: precisamos continuar aplicando pensamento novo na medida em que aprendemos da nossa própria experiência e da dos outros. O processo de aprendizado, para indivíduos e organizações, precisa estar muito mais fortemente encaixado nas abordagens e métodos utilizados.

Há mais perguntas que respostas neste ensaio, mais assuntos sendo colocados do que conclusões alcançadas. Algum conhecimento e experiência, e talvez respostas, podem ser encontrados nas seguintes páginas.

'Tudo debería ser feito o mais simples possível, mas nem um pouco mais simples' Albert Einstein (atribuído)

Notas

1 Tina Wallace (2000) discute as origens comerciais e até militares de algumas abordagens e métodos adotados e questiona sua aplicabilidade em agêndas transformacionais.

2 A Estrutura ou Marco Lógico (no original The Logical Framework, or Log Frame) tem sido particularmente associada com uma abordagem sobre desenvolvimento que tem sido muito criticada como sendo verticalista e tecnocrática. Eu não vou repetir os argumentos aqui. A Estrutura tem sido utilizada em combinação com um modelo participativo, mas o que me parece sua maior debilidade é a confiança que faz na lógica linear, é o difícil que é fazer-la funcionar de uma forma que mostre mudanças como um fenômeno multi-causal e de muitos atores.

3 Tenho investigado as varias formas que o poder pode tomar em Rowlands (1997) e Townsend et al. (1999). Ver também Kabeer (1994).

4 Ou organizações como elas. Eu me considero um deste grupo.

5 A palavra em espanhol *acompañamiento*, funciona melhor do que sua complicada equivalente inglesa; comunica a noção de um indivíduo ou organização 'caminhando junto' de outra, providenciando o conhecimento, a habilidade, ou o desafio necessário para dar poder ao indivíduo ou organização apoiada para fazer o câmbio, pensar maior, desenvolver a estratégia ou o que seja

necessário, mais como parte de uma relação essencialmente de par. *Compañero crítico* ('companheiro crítico') é também usado desta forma.

6 E muito provavelmente em outros lugares dos que eu não sei.

7 Meu agradecimento a Julie Jarman por este ponto.

8 Bloch e Borges (2002:464)

Referências

Bloch, Didier and Nora Borges (2002) 'Organisational learning in NGOs: an example of an intervention based on the work of Chris Argyris', *Development in Practice* 12(3&4): 461-72.

Kabeer, Naila (1994) *Reversed Realities: Gender Hierarchies in Development Thought*, London: Verso.

Longwe, Sara (1997) 'Evaporation of gender policies in the patriarchal cooking pot', *Development in Practice* 7(2):148-56, reprinted in Deborah Eade (ed.) (1997) *Development and Patronage*, Oxford: Oxfam GB.

Howard, Patricia (2002) 'Beyond the "grim resisters": towards more effective gender mainstreaming through stakeholder participation', *Development in Practice* 12(2):164-76.

Jackson, Cecile (1997) 'Sustainable development at the sharp end: fieldworker agency in a participatory project', *Development in Practice* 7(3):237-47, reprinted in Deborah Eade (ed.) (1997).

Mompati, Tlamele and Prinsen, Gerard (2000) 'Ethnicity and participatory development methods in Botswana: some participants are to be seen and not heard', *Development in Practice* 10(5):625-37, reprinted in Deborah Eade (ed.) (2002) *Development and Culture*, Oxford: Oxfam GB.

Roche, Chris (1999) *Impact Assessment for Development Agencies: Learning to Value Change*, Oxford: Oxfam GB.

Rowlands, Jo (1997) *Questioning Empowerment: Working with Women in Honduras*, Oxford: Oxfam GB.

Townsend, Janet et al. (1999) *Women and Power: Fighting Patriarchies and Poverty*, London: Zed Books.

VeneKlasen, Lisa with Valerie Miller (2002) *A New Weave of People, Power, and Politics: An Action Guide for Advocacy and Citizen Participation*, Oklahoma City: World Neighbors.

Wallace, Tina (2000) 'Development management and the aid chain: the case of NGOs' in Deborah Eade, Tom Hewitt, and Hazel Johnson (eds.) *Development and Management: Experiences in Values-based Conflict*, Oxford: Oxfam GB.

White, Sarah (1996) 'Depoliticisation of development: the uses and abuses of participation', *Development in Practice* 6(1):6-15, reprinted in Deborah Eade (ed.) (2000) *Development, NGOs, and Civil Society*, Oxford: Oxfam GB.

Whitehead, Christine (1995) 'Emergency Social Funds: the experiences of Bolivia and Peru', *Development in Practice* 5(1):53-7.

